



DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini
109 Rua do Ouvidor



D. Q. — O que é aquillo? Serão gatunos ou policias?
S. P. — Não sei, mas... quer sejam uns, quer sejam outros, é bonz andarmos preveridos!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	258000	Anno.....	308000
Semestre.....	148000	Semestre.....	168000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em valles postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 18 DE ABRIL DE 1896.

O Congresso

Approxima-se a epoca da reunião do Congresso Federal. Este acontecimento que em outros paizes é objecto de regosijo nacional, e que entre nós deveria sê-lo tambem, desgraçadamente não inspira hoje aos brasileiros sinão receios fundados e uma desconfiança lamentavel.

Realmente, que poderia haver de mais efficaz e mais rico de esperanças do que a reunião dos representantes do povo para curar dos interesses do paiz, com animo patriotico e superior a conveniencias individuaes ou de campanario, com os olhos fixos na prosperidade geral, sem desfallecimentos e sem hesitações?

A triste verdade porém é que em sua maioria o Congresso que nos dicta leis tem, antes de todos os outros vicios, o peccado original de não ser o representante genuino da vontade nem da opinião popular. A Republica iniciou infelizmente a sua vida eleitoral com a designação de muitos illustres desconhecidos, impostos aos Estados pela força das baionetas ou pela fraude desmascarada.

D'ahi sahio uma Constituinte, onde ao lado de homens de valor figuraram chatissimas mediocridades que em qualquer tempo devêram ser repudiadas.

A Republica inaugurada a 15 de Novembro de 1889 pouco destoou, neste particular, dos velhos processos do regimen imperial, tão conhecido e justamente criticado por causa da sua «confraria de pedintes» e do celebre «sorites» do senador Nabuco. E' que a enfermidade estava no sangue dos homens, e não se reformam costumes politicos com a simples pennada de secretario de estado.

Accresce que o governo provisório, em virtude da sua origem militar, não só julgou necessario galardoar serviços prestados pela espada, como commetteu o grave erro

de apavorar-se da sua propria obra.

Teve receio de que a nação protestasse pelo voto das urnas contra o novo regimen conquistado quasi de surpresa à ineptia dos partidos monarchicos, e para isso falseou escandalosamente não só a lei eleitoral como a sua execução. Faltou-lhe a fê robusta na grandeza da democracia, e preferiu os caminhos da violencia ou da fraude á consulta franca e sincera do eleitorado.

Esse primeiro Congresso foi portanto menos competente do que devia ser para enfrentar os intrincados problemas da reorganisação politica do paiz. Seus erros e suas paixões provocaram o attentado funesto de 3 de Novembro de 1891, inicio de tantos outros desastres, que é inutil rememorar.

Seguiu-se-lhe o Congresso actual, filho genuino da dictadura, eleito sob o guante ferreo de governadores de empreitada pela maior parte, prenhe de ambições e ao mesmo tempo envenenado pelo servilismo.

Vimos a sua obra. Assistimos ás suas genuflexões fetichistas diante do despotismo sombrio e feroz. Presenciámos todos, angustiados e cheios de indignação patriotica, á subserviencia com que elle alienou de si direitos sagrados, com que encampou barbaridades sem nome do poder executivo, com que glorificou um dictador sanguinario, procurando innocenta-lo de maculas que a Historia imparcial e justa não lhe ha de relevar tão facilmente.

Como si não bastassem taes delictos gravissimos perante a nação, que gomia oppressa diante da bocca esbraveada dos Krapps e das Mannulicher, o Congresso offereceu-nos em 1895 mais documentos de sua incapacidade

Deante da obra gloriosa da pacificação do Rio Grande do Sul, levada ao cabo pelo patriotismo do illustre Presidente, esbravejou entumecido de o lio e flammejando vinganças. A Nação inteira pedia a altos brados a paz; os seus pseudo-representantes vieram clamar contra os pacificadores!!

Deante do temeroso problema financeiro, que devêra ter sido o objecto das mais assiduas locubrações do Congresso, para salvar-nos a tempo da bancarrota, e preservar de justo descredito as instituições, que fez elle? Deixou correr os mezes largos do trabalho parlamentar, ajustando negocios particulares e ageitando interesses exclusivamente partidarios,—e, ao cabo da tarefa, quando

jáurgia o tempo, sem estudo serio e sem reflexão, alinhavou ás pressas um orçamento que é monstro, e uma lei que é corpo de delicto.

Vai começar a sessão de 1896.

Terão esses homens politicos deposto por ventura as suas paixões, os seus odios e as suas ambições?

E', angustiosa pergunta que a si mesmos fazem os sinceros republicanos, empenhados em vêr luzir a prosperidade da Patria depois dos tenebrosos eclipses, por que havemos passa lo.

Vinde, legisladores, já que a Constituição ordena e se faz mister cumprir a lei; mais vinde, por Deus, com um pouco mais de amôr a este nobre paiz, que os vossos erros tem conduzido á beira da ruina, e que só o patriotismo dos republicanos puros e honestos será capaz de reerguer!

NOTICIARIO

A redacção do D. QUIXOTE (rua do Ouvidor 109, assignaturas 30\$000 por anno para os Estados, 25\$000 para a Capital — incontestavelmente *bon marché*) continúa a gozar de inalteravel saude e a ter limpos e escorreitos os bentos corpinhos.

E' que não costumamos passar de madrugada pela porta do palacio do governo, na rua Larga.

Segundo noticia a Agencia Havas, o conhecido viajante Camperso e o coronel Garibaldi Bruzzezi escreveram uma carta ao rei Humberto, aconselhando-o a continuar a guerra contra os abexins.

Nós tambem escrevemos uma carta ao governador da Bahia, aconselhando-o a fazer uma guerra de exterminio aos jagunços e clavinoteiros que assolam aquelle Estado; mas o mal agradecido nos respondeu que quem nos encomendou o ser não que nos pagasse...

Que terá respondido o rei Humberto ao Camperso e mais ao Bruzzezi?

Perguntaram ao Manuel Rodrigues, o empregado do *Jornal do Brazil*, barbaramente sovado no saguão da casa do governo:

— Então, foi no palacio do Itamaraty?

— *Quali, mè amo... Foi no p'lazio do toma-que-te-doi-eu!*

Comunicação telegraphica de Londres, annuncia que em Nottingham, pela applicação dos raios X, do Dr. Routgen, foi descoberta a fractura do pé de uma bailarina que cahira por um buraco do proscenio, e que em consequencia foi o respectivo emprezario obrigado pelos tribunaes a pagar-lhe sessenta contos de indemnisação.

Adeus, adeus! Se o tal inconveniente raio X — máos raios o partam! — começa a ter applicação entre nós, qualquer dia d'estes a empresa Fernandes Pinto tem de pagar 120 contos de réis de indemnisação ao actor Brandão, no dia em que lhe cahir no palco a sua bella voz de soprano — e quebrar-se.

Queixa-se a *Gazeta de Noticias* de que foi exigido o numero de votantes que concorreram ao escrutinio por ella aberto sobre a batalha de flores em Petropolis, e para saber qual o melhor carro de entre os que se apresentaram no torneio.

A culpa é da *Gazeta*, mesma. Pois ella não tinha alli á mão o Sr. Furquin Werneck, que podia emprestar-lhe uns mil votantes, e isso sem incommodar a reserva do Triangulo?

A mesma folha publicou entre os retratos dos ras africanos, um do Sr. Chico Glycerio, — um tanto favorecido, vamos! — appondolhe o nome de ras Mangascia.

A quillo não é Mangascia: é uma solemne mangação com o bravo general de Campinas!

Os reporters,

ESCENA & MONTRY

AQUI, ALLI, ACOLA'

X, que durante a guerra do Paraguay ouvia dizer: «partiram para o sul as tropas»; «fulano morreu nos campos do sul»; toma muito naturalmente o sul como synonimo de guerra. E como é excessivamente patriota, elle exclama com força quando ouve fallar de Amapá ou Trindade:

— Se a Inglaterra ou a França nos declarar a guerra, contem commigo: partirei *para o sul* sem hesitar!

×

Dona Carolina observa á criada que é u na vergonha ella apresentar-se assim... com tão visivel proeminencia de ventre.

— Com effeito! Tu, uma rapariga ainda nova e recolhida! Que vergonha!

— Mas a senhora tambem não está assim?

— Ah! commigo é cousa differente! Estou assim... de meu marido!

A criada, com altivez:

— Pois eu tambem estou assim... d'elle!

×

Entre avó e neta!

— Olhe, avósinha; deixe-me medir a sua lingua...

— Para que, menina?

— Para vêr se papai tinha razão no que dizia hontem a mãi.

— E que dizia elle?

— Elle dizia com raiva: «Aquella tua mãi sempre teve uma lingua de palmo e meio!»

— Biltre!

TIL.

No pulpito e na imprensa

Frei Manuel de Santa Catharina

Desappareceu nas sombras da morte o respeitavel monge beneditino Fr. Manoel de Santa Catharina Furtado, mestre e pregador insigne, que foi lustre de sua ordem e por muitos annos occupou um dos mais distinctos logares na tribuna sagrada fluminense.

Nascido na cidade da Bahia a 30 de Setembro de 1835, completou estudos no Rio de Janeiro e aqui ordenou-se. Grandes serviços deve-lhe a comunidade religiosa de S. Bento, já como mordomo, sub-prior e depois abade do mosteiro d'esta capital, já como abade de S. Paulo, já como professor da cadeira de latin no Externato, que ha tantos annos funciona no convento do Rio de Janeiro.

De tracto amenissimo, coração aberto á caridade, intelligencia lucida e bem cultivada, Fr. Manuel gozava de sympathias geraes e merecia-o sem contestação.

Em sua carreira ecclesiastica teve um momento de graves angustias.

Era prelado do mosteiro d'esta capital, quando victima de perseguição inqualificavel e por zelar cuidadosamente o patrimonio de sua ordem, foi denunciado pela Nunciatura á Santa Sé. Esta, cedendo á informação falsa de seu representante, suspendeu-o do exercicio do cargo e das ordenas.

Compreende-se a dôr profunda da innocencia opprimida e da honradez desconhecida.

Fr. Manuel de Santa Catharina não preferiu em publico uma palavra de queixa, mas não tardou tambem a rehabilitar-se, offerecendo documentos irrefragaveis em sua defeza, que induziram a Santa Sé a levantar a censura e restituir o nobre prelado brasileiro á integridade de suas funcções. Não será inutil accrescentar que o Pontifice puniu severamente quem o levára ao rigor injusto da primeira condemnação.

O traço característico d'este illustre religioso beneditino era o grande amôr que tinha pelo seu habito e pela sua ordem. Doiam-lhe n'alma as ingratidões da sociedade brasileira, e a iniquidade do governo que condemnára á morte o instituto de S. Bento. Seu ideal constante era o renascimento da Ordem, que dera ao Brazil homens da estatura de Fr. Arsenio da Natividade Moura, Fr. José de Santa Maria Amaral e Fr. Saturnino de Santa Clara.

No ulti no quartel da vida, sentindo já os effeitos depri mentes da cruel molestia que o prostrou, este pensamento generoso e sancto ardia nelle, como se tivera o fogo entusiastico da mocidade.

A geração nova que ouviu-lhe as lições, quantos o admiravam no pulpito, amigos que o prezaram, lancem todos sobre este tumulo querido um punhado de flores saudosas.

Padre Martins do Loreto

O padre José Alves Martins do Loreto, que acaba de fallecer era tambem um orna-

mento da Igreja, e deixa de si uma memoria illustre.

Egualmente filho da Bahia, onde nasceu em 1842, e depois de ter alli prestado relevantes serviços á causa religiosa e á da instrucção publica em que se salientou, veiu não ha muitos annos para o Rio de Janeiro.

Aqui o seu papel distincto foi nas luctas da imprensa.

O grande titulo de gloria do padre Loreto está nas paginas do *Apostolo*, onde revelou talentos notaveis de polemista, rendendo culto á verdade e á justiça com um denodo apostolico que não é possivel deixar de assignalar.

E' bem certo que discordamos profundamente de sua orientação monarchica; respeitando porém, as convicções do jornalista, folgamos de tributar á memoria do padre Loreto as homenagens que nenhum espirito recto lhe recusará.

As suas apreciações acêrca da revolução de 6 de setembro, da guerra civil rio-grandense, da amnistia e das luctas politicas que este acontecimento suscitou, inspiravam-se no amor da liberdade, no odio á tyrannia e em sentimentos todos muitos nobres.

Foi essa a ultima pagina, mas pagina brilhante, do escriptor de combate, que tão notavelmente illustru as columnas do *Apostolo*.

Receba o digno collega do jornalismo fluminense os nossos votos de condolencias, pela grande perda que acaba de soffrer.

RESPIGOS

Estou um pouco intrigado com o meu Atlas Delamarche e ainda mais com o meu defunto professor de geographia, que andou a ensinar-me tudo errado, só para confundir-me as idéas!

Felizmente ha um Deus no céu — e uma certa agencia telegraphica na terra, para valerem aos ignorantes e aos pobres de espirito...

Se assim não fôra, eu não teria comprehendido o despacho publicado por um dos mais importantes diarios d'esta capital quando elle diz:

«Os soberanos allemães offereceram ao rei e rainha de Italia um banquete a bordo do yacht *Hohenzollern*, trocando-se então os máis expressivos brindes. Depois d'isso o *Hohenzollern* levantou ferro, seguindo directamente para *Vienna d'Austria*».

Para Vienna, Deus do Céu? E d'Austria, manes de Burgain?

Sim, carissimos filhos — e não vos surprehendais... E' que não conheceis o *Hohenzollern*, e por isso não sabeis que elle vai do Adriatico a Vienna, com a mesma facilidade com que vós ides do Rocio ao largo dos Leões — de bond ou a cavallo!

..

E' motivo de geraes commentarios em Buenos-Ayres, o escandalo conhecido de terem recebido um milhão de pesos ouro, dos

O Prefeito e a Febre Amarella

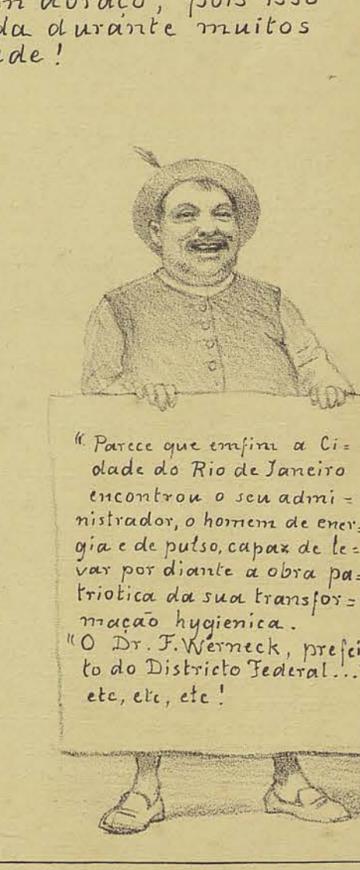
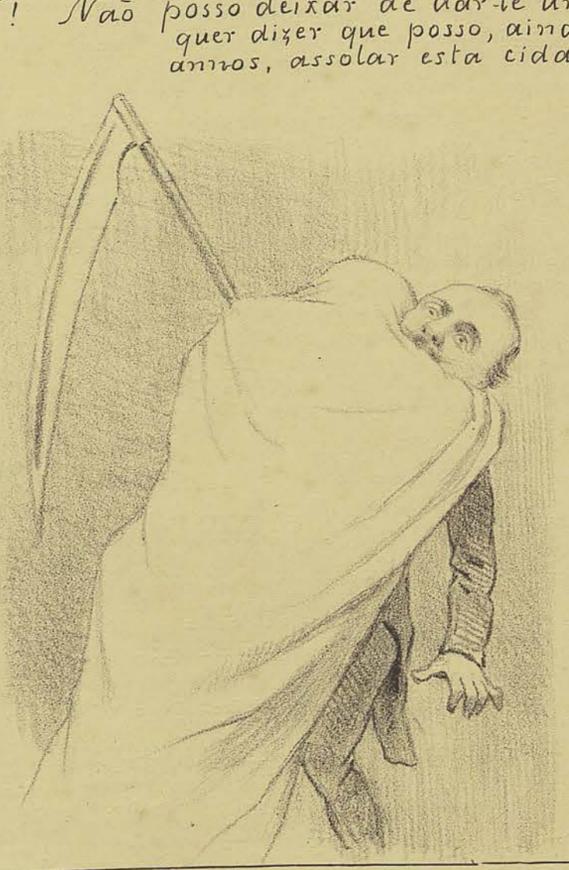
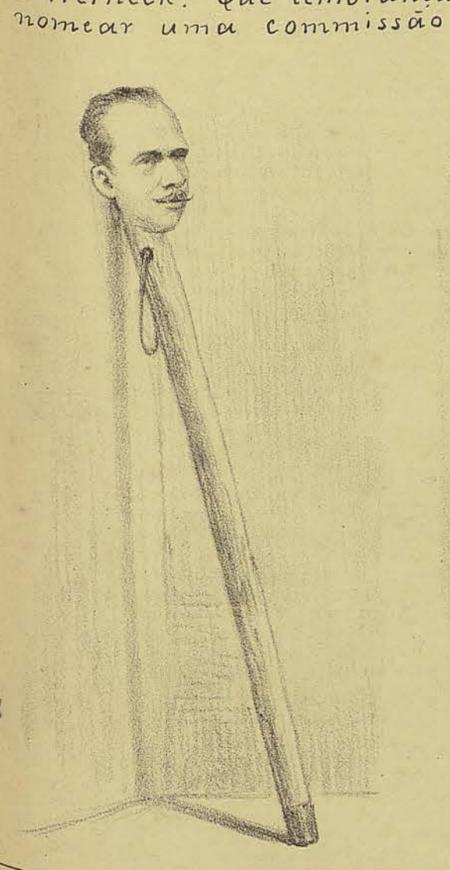


F. W. — Vi o tal calcamento do Simão da Costa. Realmente é muito bom; as experiencias sobre a sua solidez foram optimas... A Intendencia é capaz de accital-o! Como impedir?
 F. A. — Lembre-se tambem que chama-se Pavimento Sanitario! e esta ultima palavra não me agrada nada...

F. W. — Ah! Eureka! Achei! Vou nomear uma commissão para estudar o saneamento da cidade...

F. A. — Bravo, meu caro Werneck! Que lembrança feliz essa de nomear uma commissão!

Não posso deixar de dar-te um abraço, pois isso quer dizer que posso, ainda durante muitos annos, assolar esta cidade!



F. W. — Eis o meu plano; leia.
 F. A. — Magnifico! Você é um alho!

Enquanto trabalharem as taes commissões a pobre cidade criará cabellos brancos, e se da sobre um monte de lixo, esperará resignada a decisão de sua sorte.

E o nobre bi-presidente terá servido inconscientemente de arma para o illustre Prefeito cacetejar a Intendencia.

F. A. — Não posso resistir! Decididamente és um grande artista: Venha de lá um outro abraço.

Da mesma opiniao é o nosso illustrado collega "O Paiz" que escreveu o periodo acima.

AA

armadores italianos, os intermediarios da compra dos encouraçados *Varese* e *Garibaldi* para a Republica Argentina.

Ora mercê de Deus, não tivemos nós de registrar taes escandalos nas compras das torpedeiras, nem das locomotivas *Broocks*! Os nossos intermediarios não receberam um milhão de pesos ouro — nem mes no de pesos de cobre...

Foi tudo *gratuites*.

+

Leio no *Jornal do Brasil* a sua *scie* diária, submittida ao titulo:

Será verdade ?

e acompanhada dos dizeres

NADA E NADA !

—

LUTO DA JUSTIÇA !

—

MENOSCABO DA LEI !

—

VIVA O PATRONATO !

—

VIVA O COMPADRESCO !

e depois de umas vinte linhas a seguinte nota final :

«Para que commentarios?»

E é verdade ! Para que commentarios ; depois de tantos titulos, subtítulos e admirações ?

Se nem assim despenca o agente *Bastos* !

+

Na Bahia acaba de ser descoberto o meio infallível de ser dominada a febre amarella. Já tem destino, pois o premio de 300 contos, offerecidos a quem descobrisse o remedio contra a terrivel bicha côr de óca.

E' simples o remedio, inventado e logo posto em pratica na terra do *vatapá* : queimam a casa, com o enfermo dentro.

Simple e infallível.

+

Esta—e de se lhe tirar o chapéo—é do *Jornal do Brasil* :

«O Sr. Dr. Heitor de Oliveira Adams servirá de medico nesta viagem de regresso do *Lombardia*, «satisfeito» por haver acompanhado desde o principio as infelicidades que pesaram sobre o bello vaso de guerra italiano.»

Esse Dr. Adams, ou é um inglez extremamente excentrico ou é parente chegado do Sr. Barboza Cezar, ex-governador de Pernambuco ! Não satisfeito de haver acompanhado desde o principio as infelicidades do *Lombardia*, vai a bordo do mesmo navio—naturalmente para apreciar o resto.

Livra !

SOBERANOS QUE SE BEIJAM.

Sob este titulo pomposo e assás suggestivo publicou o *Jornal do Brasil* o seguinte telegramma :

« VENEZA, 12. — O rei Humberto, ao encontrar-se com o imperador Guilherme, trocou com elle tres beijos.

« O povo que assistiu a esta scena rompeu em vivas e gritou : — Queremos a guerra para vingar nossos irmãos. »

×

Tem graça, e não offende.

Eu imagino que effectivamente o povo tivesse razão para applaudir a tal scena das beijocas e que gritasse *bis ! bis !* como se estivesse em pleno theatro. Mas o que não posso é atinar com o motivo porque o sobredito povo entendeu de dizer aquellas outras coisas : — Queremos a guerra ! etc. — só porque viu Humberto espichar os labios por baixo do espesso bigode e applical-os com ancia sobre as rubicundas faces do primo Guilherme, e estalando-lhe alli mesmo tres formidolosos beijos.

Mas que diabo de aproximação tem os beijos com as guerras ? Que poderá ter o... pescoço com as calças ?

×

Cá por mim declaro que sou pouco entendido em negocios de alta politica, e que quanto ao equilibrio europeu, sinto-me inteiramente desequilibrado, pela total ignorancia do assumpto, em que vivo immerso.

Entretanto, sempre me quer parecer que, quando aquelles dois bicudos se beijaram, contrariando dess'arte o conhecido dito popular, a nenhum delles occorrera a idéa de adstringir aos estalados beijos a intenção de declarar a guerra a quem quer que fosse... Não foi por tão negregada e pavorosa intenção que se arrepiou o bigodão respeitavel do rei Humberto, deixando passar o cicio dos tres osculos amorosos, profundamente meigos, destinados ao grande senhor da *Deutschlandia*, compositor de hymnos e especialista de brindes em jantares.

×

Não, não foi.

O caso é simples, e em sua propria simplicidade tem a explicação requerida :

Que significam esses tres beijos entre aquelles dois namorados ?

O sello da alliança entre elles.

E como se chama essa alliança ?

Triplíce.

Pois é isso : para triplíce alliança, beijos triplíces....

Está regulando ! como diz o Paula Ney.

Gyp.

O DUELLO

Anda lá por fóra accessa a mania do duello, e de maneira a assumir o caracter de molestia contagiosa em seu paroxi-mo epidemico.

Ainda ha poucos dias na Republica Argentina um escriptor mandava a lamina de sua espada visitar a moradia dos intestinos de seu contendor; e um jornalista, em Montevideo, desenhava com a ponta de seu florete um lindocollar no pescoço de seu adversario.

Na Austria, um tenente de cavallaria mandou desta para melhor um barão cuja esposa preferia o kepi do tenente á corôa fidalga do marido : em Roma, em um só dia, concertam-se varios duellos entre deputados e senadores, por causa da campanha da Africa; o Sr. Bourgeois, primeiro ministro francez, esteve em risco de bater-se, por questões de politica, como o fallecido Floquet; em Buenos Ayres, desafiou-se o ministro e o consul italiano; em Berlim, depois de successivos duellos de resultados desastrosos, o imperador Guilherme resolve insinuar ao governo que faça passar uma lei que reprima e impeça essa usança, muito cavalleiresca é certo, mas muito inconsequente em seus resultados—no caso do acima citado barão, por exemplo, em que, sendo elle o *enfetado* pelo tenente de cavallaria, foi o tenente de cavallaria que o mandou fazer companhia aos barões seus avós, cuidadosamente plantados no fundo da terra.

*

Entre nós já houve tempo em que esteve em moda o duello; mas ao que parece, alguns que cabiram no ridiculo tornaram impossivel a sua acclimação por aqui. Ficaram apenas os duellos de lingua—entre as moradoras da rua do Senhor dos Passos e adjacentes S. Jorges; e os de penna—nos *apellidos* dos periodicos diarios.

Mas estes, formidaveis; principalmente os d'este ultimo genero.

*

Entretanto como eu sympathiso enormemente com o imperador da Allemanha, que no momento em que traço estas linhas está em Veneza a resolver com o rei Humberto sobre altas questões do equilibrio europeu, sempre quero auxiliá-lo na campanha contra o duello, que lhe está dizimando os subditos como se fosse a peste negra do Japão, o cholera morbus em Alexandria, ou a febre amarella... em um paiz que nós conhecemos.

Porque eu tambem não gôsto do duello, e a respeito tenho a opinião de meu compadre Mathias : — é cousa muito boa... para os outros.

E vou auxiliar o meu sympathico Guilherme 2º, transcrevendo em favor das suas e minhas theorias as seguintes opiniões, que não são para desprezar :

*

De J. Jacques Rousseau :

« Não se deve confundir o nome sagrado da honra com esse prejuizo feroz que põe todas as virtudes na ponta de uma espada e não serve senão para formar bravos scelerados. »

« Bem sei que ha mais coragem em recusar um duello do que em aceitar dez. Em um paiz em que a honra é mais cara do que a vida é a coragem d'essa recusa que a lei deve auxiliar. Ella deve atemorizar, por penas severas e multas pesadas, tanto os provocadores como as testemunhas. »

De Lamartine.

*

Diz M. Dupin :

« A theoria dos duellos é a destruição da ordem legal; é recusar em massa a sociedade civil, suas leis, seus tribunaes; é fazer-se legislador, juiz e carrasco em sua propria causa, impondo a pena de morte a cousas muitas vezes

uteis e superficiaes, quando não são as mais vergonhosas e inconfessaveis.»

*

De Lonstalot :

«— Quereis ser livre? digo a todo francez patriota.— Sem duvida.— Pois então renunciae ao duello, que é incompativel com toda a liberdade.»

«Onde a liberdade publica, si se pôde despojar o povo dos seus melhores defensores, fazendo-os bater-se em duello?»

«Onde a liberdade individual, se o primeiro louco ou o primeiro scelerado que vos encontre pôde forçar-vos a jogar vossa vida contra a d'elle?»

«Onde a liberdade de opiniões, se um cidadão pôde constituir-se censor, de espada na mão, da opinião que um seu concidadão fórme d'elle ou de qualquer questão publica ou privada?»

«Onde a liberdade de imprensa, se o auctor tem de medir e calcular suas phrases de accordo com aquelles que as possam julgar falsas ou decaídas?»

*

E para finalizar, a de E. de Girardin, que infelizmente para Armand Carrel pensava de um modo e agia do outro :

«Todo o duello é um absurdo, uma insurreiçãõ da irreflexãõ contra a razão, um derradeiro esforço da barbaria contra a civilizaçãõ: um anachronismo.»

*

Antes de finalizar, porém, a minha opinião que é esta: o duello deve ser condemnado — menos no caso vertente: quando serve, e bem... para encher quatro tiras de papel!

THIAGUINHO.

Theatro Municipal

Isto de Theatro Municipal é conversa fiada.

Entretanto o nosso distincto collega A. A., d' *O Paiz*, na sua sempre espiituosa *Palestra* escreve o que abaixo transcreve nos:

«Li com muito prazer a noticia de que os Srs. intendentes municipaes Julio Carmo, Domingos Ferreira e Honorio Gurgel apresentaram ao respectivo conselho um projecto, autorizando o prefeito a desapropriar os predios ns. 59, 61 e 63 da Praça Tiradentes, para ser ali construido o Theatro Municipal.»

A palavra *municipal*, hoje, quasi que constitue uma pilheria, para não dizer outra coisa peor.

Não entrarei em considerações economicas sobre os meios de que a municipalidade dispõe, para desapropriar casas e construir theatros, antes de cuidar de coisas que nos parece n mais uteis.

Quero mes no acreditar que a intendencia tirou, por varias vezes, a sorte grande para julgar-se habilitada a dispor de quantias avultadas, como é preciso, para desapropriações e construcções de theatros e outros edificios mais ou menos dramaticos e municipaes.

Fallei em sortes grandes lotericas, porque é sabido que o rendimento municipal mal chega para pagar os innumerados empregados dessa bella e popular instituiçãõ.

Admittindo pois que haja muito dinheiro nos seus cofres, prefiro que o applicuem á viaçãõ urbana, cuidando seriamente do calçamento e do aceio das ruas.

—o—

Acina do amor á arte dramatica colloco o da limpeza, que nos parece mais util e salutar.

E se lá fôr um dia a esse famoso e municipal theatro, não quero lá chegar com as botinas sujas de lixo e as pernas quebradas, graças á queda em algum buraco, dos muitos que fazem hoje o ornamento principal do nosso parallelepipedesco calçamento.

—o—

Supponho por um instante estarmos no anno de mil novecentos... e tantos; este tanto é infinito quando se trata da construcção de um theatro municipal.

Lembro-me de um celebre theatro lyrico que se devia construir na mesma praça, ha mais de trinta annos; entretanto...

Demos porém que desta vez a nossa intendencia tomou o negocio a sério e que construiu o theatro, calçou as ruas com o systema Pavimento Sanitario Fluminense, permitindo-me assim poder ir ao espectáculo e lá chegar limpinho, sem as pernas quebradas, nem os callos magoados.

Compro o meu bilhete e deparo, n'um canto do saguão, com o meu velho amigo A. A., se npre gordinho, mas com um bizode que esperou não sei quantos annos pela inauguraçãõ do theatro;—portanto, branco como a neve. A. A., falla com o director do theatro. Não os quero interromper, mas ouço toda a conversa :

A. A. — Esta distribuçãõ é impossivel ! Pois o Sr. que sabe ter eu escripto esse papel especialmente para a artista C***, que é a melhor de todas e a de mais talento, vai dal-o agora á Sra. D***, na idiotia que ne n sabe estar em scena !

Director. — E' verdade... Mas que hei de fazer ? Quem pediu, o melhor, exigiu que lhe desse o principal papel, foi o Sr. X***. E como o Sr. X*** é intendente municipal, e esse Sr. intendente é o... etc. e tal da Sra. D***... não sei se me entende...

A. A. — Perfeitamente. Todavia este caso não se pôde applicar ao actor F. que é homem; entretanto o Sr. tirou-lhe o papel para dal-o ao T., um pedante, um imbecil que vai comprometter a peça !

Director. — Tambem é verdade... Mas, meu caro, elle goza de certa influencia politica e dispõe de bom numero de votos. Como havia de resistir a nada menos de seis intendentes com quem elle se foi enpenhar, para eu dar-lhe o papel ?

A. A. — D'este modo é impossivel escrever para este theatro ! Eu prefiro retirar a peça !

Director. — Impossivel ! meu amigo. Já as despezas estão feitas. A peça tem de ir á scena.

A. A. — Mas assim será pateada ! E eu que tanto escrevi em favor d'este theatro municipal !

Director. — E eu que julgava poder arranjar a minha vida ! Imagine o Sr. que a tal subvençãõ municipal se faz tanto esperar, que os meus artistas estão com ordenados atrazados ha seis mezes !

A. A. — Não comprehendendo ; parece-me que tem tido casas bem regulares !

Director. — Meu caro Sr. A. A., saiba que tres quartas partes dos espectadores são empregados da prefeitura e da intendencia, e entram... gratis !

A. A. — A outra quarta parte é naturalmente de amigos politico; que tambem...

Director. — Não pagam, sim senhor !

—o—

Cá entre nós, collega A. A. : não concorda que o conto acima poderá muito bem vir a ser uma realidade ?

Concorda, sim ; — e até com barbante !

X.

A nossa estante

Recebemos e agradecemos :
— *Toutinegra do moinho* por Emilio Richebourg, da casa editora David Corazzi.

— *Catechismo Municipal* do Dr. Domingos Jaguaribe. Propaganda em favor da autonomia dos municipios. Bonito como theoria ; quanto á pratica, talvez d'aqui a cem annos.

O Dr. Jaguaribe ainda não conhece bem o nosso povo e ainda menos os representantes do dito.

— *Navegaçãõ de Cabotagem* do Club Naval Rio Grandense. A Directoria desse Club pede ao governo federal que a cabotagem estrangeira seja equiparada á nacional e que se sujeite, como esta, ás leis e regulamentos do paiz.

«Em identidade de condições a marinha mercante rio-grandense não receia concorrência.»

Se assim é, o pedido é mais do que justo.
— *O Coruja* do bem conhecido e estimado romancista Aluizio de Azevedo. Editado na livraria Garnier.

— *Catalogo* da companhia typographica do Brasil, antiga casa Laemmert & C.

Basta folheal-o para ter uma ideia da importancia desse grande estabelecimento e... vêr a seguinte declaraçãõ com a qual plenamente concordamos : «Em um paiz como o nosso em que as artes ainda não attingiram o grão de adiantamento que se observa em outros centros civilizados, é realmente motivo de admiraçãõ o facto de encontrar-se um estabelecimento que se apresenta possuindo todos os grandes inventos modernos das artes graphicas.»

— *Bolletim telegraphico* da repartiçãõ geral dos telegraphos.

O que ha realmente para admirar nesse folheto é a capa ! Admiravel.

(Quando o Sr. director dessa repartiçãõ sahe á rua, não esquecerá a sobrecasaca em casa ?)

— *Estatutos* da Sociedade Musical Lyra Commercial em Santos.

(Com pezar indeferimos o pedido.)

— *Revista Geral dos Trabalhos* da comissãõ constructora da nova capital do Estado de Minas, sob a direcçãõ do engenheiro chefe Francisco Bicalho, impresso na casa Lombaerts.

E' um trabalho importantissimo e que examinaremos com todo o cuidado. Mais tarde daremos o nosso parecer sobre a exposiçãõ apresentada ao Exm. Dr. Bias Fortes pelo engenheiro chefe Aarão Reis.

— *Paulicéa*, n. 5 e 6 deste interessante jornal illustrado, trazendo os retratos bem parecidos do finado Dr. Aristides Lobo, e do Dr. Manoel de Moraes Barros.

O texto sempre bom e variado.

— *A Estação* n. 7 do XXV anno.

Como os anteriores este numero deve continuar a satisfazer o nosso bello sexo a quem esse bello jornal de modas é dedicado.

— *Petit Echo de la mode*, ns. 13 e 14, do qual é agente nesta cidade o Sr. Reynaud du «Bresil Republicain». Jornal de modas que tambem interessa ás senhoras brasileiras em geral e em particular áquellas que sabem o francez. Esse jornal é publicado na lingua de Voltaire.

De diversas padarias musicas :

— *Esmeralda* Schottisch de Oscar Carneiro. Ediçãõ Bevilacqua & C.

— *Serpentina*. Valsa de Julio Reis. Ediçãõ Bevilacqua & C.

— *Victoria*. Valsa de A. Cavalcanti. Ediçãõ Bevilacqua & C.

— *Laços de Amor*. Valsa de Santos Franco. Ediçãõ Buschmann & Guimarães.

— *Rasgando sedas*. Schottisch por Julio Reis. Ediçãõ Buschmann & Guimarães.

— *Lisongeira*. Valsa do J. Ferreira Torres. Ediçãõ Vieira Machado & C.

— *Sorridente*. Schottisch de Ernesto Couto. Ediçãõ Vieira Machado & C.

Convites :

— Do *Club Symphonico*, para o 18.º concerto no dia 18 do corrente.

— Do *Club Wagner*, em Todos os Santos, para o dia 20 de Abril, 1.º anniversario da installaçãõ.

"D. Quixote"



Padre Martins do Loreto.

Frei Santa Catharina Furlado.